



Homilia do padre Daniel Santini Rodrigues
Quinta-feira da 25ª Semana do Tempo Comum
7º Dia da Semana Jubilar

Catedral metropolitana, Pouso Alegre (MG), 22/09/2022

Reverendíssimo cônego Vonilton Augusto Ferreira, cura desta catedral e pároco da paróquia Bom Jesus. Reverendíssimos padres aqui presentes, padre Marcos Caliari, vigário paroquial, e, de uma maneira especial, padre Elton Cândido Ribeiro, pároco da paróquia São Francisco e Santa Clara. Estimados irmãos e irmãs aqui presentes e os que se encontram em comunhão de oração conosco pelas redes sociais.

“Quando se volta para fazer memória, o olhar cristão pretende abrir-nos à estupefação perante o mistério de Deus, enchendo o nosso coração de louvor e gratidão por tudo o que realizou o Senhor” (Papa Francisco, 2022).

Inspirados por estas palavras do papa Francisco, nossa arquidiocese está em festa, pois “firme como a árvore plantada à beira do rio, dá fruto no tempo devido” (Sl 1,3). Nosso coração se preenche da alegria e da renovada esperança de continuar contando com a graça de Deus que possibilita gerar os frutos que, de geração em geração, demonstram a bondade de Deus para conosco.

Envolvidos por esta alegria e esperança jubilares, deixemos a Palavra de Deus iluminar nossas vidas e nossa arquidiocese, em sua ação evangelizadora.

O livro do Eclesiastes apresenta um refrão que perpassa o livro e sintetiza sua reflexão. Está no começo do livro e reaparece ao final para colocar um fecho ao seu discurso: no primeiro parágrafo anuncia o autor: “Vaidade das vaidades, vaidade das vaidades, tudo é vaidade” (Ecl 1, 2). E ainda escreve: “Que proveito tira o homem de todo o trabalho com o qual se afadiga debaixo do sol? Uma geração passa, outra lhe sucede, enquanto a terra permanece sempre a mesma”.

Muitas de suas frases curtas e constantes lançam um olhar cético sobre a realidade.

O papa Francisco, refletindo sobre este trecho de Eclesiastes, assim se expressa: “o texto quer sublinhar esta tentação muito nossa, que é inclusive a primeira dos nossos pais: ser como Deus. Com efeito, a vaidade incha-nos, mas não tem longa vida, porque é como uma bolha de sabão e nunca dá um verdadeiro lucro. Não obstante tudo, o homem esforça-se por parecer, por fingir, por aparecer. Por outras palavras: A vaidade é camuflar a própria vida. E isto adoce a alma, porque há quem camufla a própria vida para parecer, para aparecer, e todas as coisas que faz são para fingir, por vaidade, mas no fim de contas o que ganha?”. Para fazer melhor compreender esta realidade interior, o papa usou algumas imagens concretas: “a vaidade é uma ‘osteoporose’ da alma: de fora os ossos parecem bons, mas dentro estão todos deteriorados. A vaidade leva-nos à fraude; como os impostores que marcam o baralho para lucrar. Mas esta vitória é fingida, não é verdadeira. Esta é a vaidade: viver para fingir, viver para parecer, viver para aparecer. E isto inquieta a alma”.

O mesmo olhar cético e de inquietação encontramos na pessoa de Herodes. O evangelista Lucas narra essa interrogação de Herodes sobre Jesus por ocasião do envio dos Doze em missão pela Galileia, território não muito extenso, que estava sob sua jurisdição. Recebendo notícias da crescente atividade de Jesus e seus discípulos, Herodes alarma-se, parecendo-lhe que se repetia a mesma agitação ocorrida com João Batista. E por isso procura ver e saber quem é este homem de quem se ouve falar tanto.

Herodes estava ciente de que mandara degolar João Batista para ver-se livre da acusação que lhe pesava em vista da sua situação de adultério. Porém, o que Herodes não sabia era que João Batista havia sido apenas o precursor do Messias e que o verdadeiro Salvador estava vivo e sendo interrogado e acusado pelos prodígios que realizava. Por isso, “Herodes procurava ver Jesus” e se questionava sobre a sua verdadeira identidade.

Herodes demonstrou sua vontade de se encontrar com Jesus, certamente não para saborear ou absorver seus ensinamentos, mas com objetivo de eliminá-lo. Com isso,

Herodes demonstra sua insuficiência em ver Jesus, olhando para Jesus não com os olhos da fé, pois não tem interesse em se converter. Além disso, podemos supor que as intenções de Herodes não são as melhores. O soberano estava inquieto porque aquele Jesus sobre o qual todos falavam era para ele uma ameaça. Uma inquietação que recorda a do pai, Herodes Magno, o qual, quando chegaram os reis magos para adorar Jesus, ficou atemorizado.

A nossa alma, explica o papa Francisco, “pode ter duas inquietações: a boa, que é a inquietação do Espírito Santo, que nos dá o Espírito Santo, e faz com que a alma esteja inquieta para fazer coisas boas, para ir em frente: e há também a má inquietação, a que nasce de uma consciência suja. Precisamente esta última caracterizava os dois soberanos contemporâneos de Jesus, Herodes, o Grande, e seu filho Herodes Antipas: tinham a consciência suja e por esta razão estavam inquietos, porque tinham feito coisas más e não encontravam paz, e qualquer acontecimento lhes parecia uma ameaça. Aliás, o seu modo de resolver os problemas era assassinar, e iam em frente passando por cima dos cadáveres das pessoas”.

De toda forma, a chance de encontrar-se com Jesus, Herodes teve. Na Paixão, três anos depois, Pilatos, tentando se livrar do caso, mandou Jesus como prisioneiro a Herodes. Mas Herodes não soube aproveitar a ocasião para aproximar-se com respeito do Senhor e deixar-se interpelar pelo seu Evangelho. Cego pela vaidade, Herodes só se ocupou de zombar de Jesus ou de querer arrancar-lhe um número de espetáculo para deleite de sua corte. Tratou Jesus como um humilhado pela prisão e pelos maus-tratos. Jesus detido, amarrado, ficou calado. Não respondeu a nenhuma pergunta daquele monarca adúltero, violento e cruel. Mesmo ficando frente a frente com Jesus, Herodes não se deixou tocar pela graça e pelo amor de Deus.

A admiração de Herodes por João Batista não o impediu de mandar matar o profeta. Não basta a admiração pelo Senhor, por suas palavras ou por sua Igreja. É preciso conversão, mudança de vida para um verdadeiro discipulado do Mestre Jesus. Não podemos deixar a graça passar. Jesus não é uma ameaça. Ele é o Caminho para nos libertarmos de uma vida vazia, tocada à vaidade. Herodes também teve a chance de se encontrar com Jesus. O verdadeiro encontro com o Senhor pede conversão, acolhida da graça de Deus numa vida nova, num seguimento, por amor, a Jesus Cristo. O verdadeiro discípulo tem o desejo cheio de fé, de conhecer a Jesus e de fazer crescer uma relação com ele cada vez mais profunda.

Algumas perguntas podem brotar em nosso coração: por que queremos ver Jesus? Quais as motivações que nos levam a encontrar-nos com Jesus? Como é que nós queremos ver Jesus? Como queremos nos aproximar dele?

Diante dos olhares céticos, a fé vem nos apresentar uma nova forma de compreender e ver a vida e a história. Com os olhos da fé, queremos ver Jesus presente na história de nossa arquidiocese. Sem memória não há fidelidade na vivência de nossa missão na atualidade. Por isso, queremos fazer memória... re-memorar... para renovar nosso seguimento a Jesus Cristo e a causa do Reino. Queremos fazer memória de nossa história arquidiocesana para prosseguir com amor e alegria, o caminho do discipulado.

“No caminho espiritual e eclesial, não devemos perder a lembrança de quantos nos anunciaram a fé, porque fazer memória ajuda-nos a desenvolver o espírito de contemplação pelas maravilhas que Deus operou na história, mesmo no meio das fadigas da vida e das fragilidades pessoais e comunitárias”.

“É esta memória viva de Jesus que nos enche de maravilha – continua Francisco – e nos faz tirar sobretudo do Memorial eucarístico a força de amor que nos impele. É o nosso tesouro. Por isso, sem memória, não há estupefação. Se perdemos a memória viva, então a fé, as devoções e as atividades pastorais correm o risco de esmorecer, sendo como fogos de palha que acendem imediatamente, mas depressa se apagam”. Concluindo seu pensamento sobre a memória, ainda acrescenta: “A fé não é uma bela exposição de coisas do passado, mas um evento sempre atual, o encontro com Cristo que acontece aqui e agora na vida. Por isso não se comunica apenas com a repetição das coisas de sempre, mas transmitindo a novidade do Evangelho. Assim a fé permanece viva e tem futuro”.

Em Eclesiastes 1,3, “uma geração passa, outra lhe sucede, enquanto a terra permanece sempre a mesma”. A terra pode ser até a mesma, mas não são os mesmos que caminham sobre ela. Destes que caminharam, alguns deixaram marcas e não levaram tudo de si, deixando pouco de si... como os nossos arcebispos dom José D’Ângelo Neto, dom João Bergese, dom Ricardo Pedro Chaves Pinto Filho e, atualmente, nosso arcebispo dom José Luiz Majella Delgado.

Ao fazermos memória, queremos agradecer a Deus por tantas maravilhas realizadas em nosso meio. É um tempo de celebrar e agradecer os frutos colhidos, e quantos foram os frutos colhidos nestes 60 anos de província eclesiástica. As sementes semeadas pelos nossos arcebispos geraram e continuam a gerar frutos em nossa província.

Queremos celebrar e agradecer a Deus pelos frutos colhidos do episcopado de dom José D’Ângelo Neto, como arcebispo de 1962 a 1990, entre os quais o incentivo

vocacional, com a construção do seminário arquidiocesano Nossa Senhora Auxiliadora, a liderança eclesial na sociedade com grandes contribuições, principalmente na área da educação e da saúde. Nosso seminário oferecia, àquela época, o curso livre de Filosofia, que se tornou importante semente para frutos colhidos posteriormente. Dom José participou de todas as sessões do Concílio Vaticano II, visitou várias vezes as paróquias da arquidiocese, mostrando-se sempre um bispo pastor, amigo dos padres e dos fiéis pela sua popularidade; foi professor da Faculdade de Direito do Sul de Minas e muito se empenhou para a fundação da Faculdade de Medicina. Criou 6 paróquias e durante seu episcopado foram ordenados 45 sacerdotes.

Queremos celebrar e agradecer a Deus pelos frutos colhidos do episcopado de dom João Bergese, nosso arcebispo de 1991 a 1996. Seu ministério foi marcado pelo seu dinamismo e organização pastoral. Nos 4 anos e 8 meses de seu episcopado, ordenou 16 padres e criou 5 paróquias. Seu sonho era ter em Pouso Alegre um Instituto de Teologia, que unisse ainda mais a província, empenhando todo seu esforço para sua concretização com o assentimento dos bispos de Campanha e Guaxupé. E encontrou-se forças, diante de sua enfermidade, para viver até o dia tão esperado da inauguração do Instituto Teológico Interdiocesano São José, em 21 de março de 1996, que contou com a presença do núncio apostólico, vários bispos e mais de 80 sacerdotes. Sua vida desfalece, mas nasce uma esperança... O Instituto Teológico é a concretização da comunhão provincial e de unidade na formação do clero das dioceses de Campanha e Guaxupé e de nossa arquidiocese.

Queremos celebrar e agradecer a Deus pelos frutos colhidos do episcopado de dom Ricardo Pedro Chaves Pinto Filho, cujo pastoreio se estendeu de 1996 a 2014. Em seus 18 anos de arcebispado, ordenou 67 sacerdotes e criou 9 paróquias. Sempre manifestou dedicação especial ao seminário e foi o incentivador e criador da Faculdade Católica de Pouso Alegre, inaugurada em 6 de fevereiro de 2006, ocasião que contou com a presença do núncio apostólico da época e de grande número de bispos, sacerdotes e leigos. Além disso, possibilitou a formação continuada de muitos padres na realização de seus estudos de pós-graduação, tanto no Brasil, quanto no exterior, principalmente em vista de colaborar com as aulas na Faculdade. Realizou várias visitas pastorais e sempre foi marcante seu jeito paterno e alegre. Também apoiou a criação do Tribunal Eclesiástico de Pouso Alegre.

Queremos celebrar e agradecer a Deus pelos frutos que estamos colhendo do episcopado de dom José Luiz Majella Delgado, cujo pastoreio iniciou-se em agosto 2014,

desde quando pudemos fazer a experiência do pastor atento e próximo do seu rebanho, com significativas contribuições tanto na ação pastoral quanto no cuidado com o clero. Até o momento, ordenou 14 padres e criou 9 paróquias. Pastoralmente, nosso arcebispo tem nos ajudado a edificar a sinodalidade entre nós. Grande promotor vocacional, preocupado com a formação de nossos seminaristas e padres, apoiador de nossa faculdade, tem contribuído enormemente com a organização administrativa de nossa arquidiocese e com o desenvolvimento de uma consciência missionária na arquidiocese. Merece destaque em seu pastoreio o cuidado com o clero, com a construção da casa do clero e o acolhimento e instituição da Escola Diaconal.

Dentre tantos frutos nestes 60 anos de arquidiocese, temos a Faculdade Católica de Pouso Alegre, cuja semente foi lançada com o incentivo ao seminário por dom José D'Ângelo Neto e com a criação do Instituto Teológico Interdiocesano, por dom João Bergese.

A missão da Faculdade Católica de Pouso Alegre consiste em "promover o desenvolvimento integral do ser humano por meio da educação, ajudando-o a crescer na sua consciência de cidadão, respeitosa de sua dignidade de pessoa, capaz de construir seu projeto histórico na relação pluridimensional consigo mesmo, com os outros, com a natureza e com Deus, promotor da paz e da justiça, a serviço do bem comum".

Ela surge como um dos esforços das comunidades católicas do sul de Minas, distribuídas pelas dioceses de Campanha, Guaxupé e Pouso Alegre, de oferecer um contributo consistente à formação intelectual e ao desenvolvimento da consciência crítica do povo sul-mineiro.

Nosso querido papa Francisco, no Pacto Global Educativo afirma: "Queremos empenhar-nos corajosamente a dar vida (...) a um projeto educativo, investindo as nossas melhores energias e também iniciando processos criativos e transformadores em colaboração com a sociedade civil". O papa Francisco prossegue: "Educar é sempre um ato de esperança que convida à coparticipação transformando a lógica estéril e paralisadora da indiferença numa lógica diferente, capaz de acolher a nossa pertença comum". E o papa Francisco ainda nos questiona: "Se hoje deixássemos os espaços educativos continuarem a reger-se pela lógica da substituição e repetição, incapazes de gerar e mostrar novos horizontes, onde a hospitalidade, a solidariedade intergeracional e o valor da transcendência fundamentem uma nova cultura, não estaríamos porventura a falhar o encontro com a História?" Inspirados pela provocação do papa Francisco, queremos fazer um encontro com a História. Ao celebrar este momento especial de

jubileu de nossa arquidiocese, nossa instituição quer fazer memória de suas origens e render ação de graças a Deus pelas vidas e mãos que se uniram em prol da criação de tão significativa faculdade em favor de nossa província eclesiástica e região de Pouso Alegre, mantida pela Fundação Educacional Dom José D'Ângelo Neto.

A Faculdade Católica é um sinal de comunhão de nossa província eclesiástica. É um projeto coletivo. Mais do que uma instituição de ensino superior a compor o cenário educacional do sul de Minas, a Faculdade Católica de Pouso Alegre sempre quis ser uma comunidade comprometida com a causa do ser humano, a serviço da vida e da esperança.

Diante desta memória, queremos pensar sobre o hoje e o amanhã de nossa Igreja. “E vemos aparecer aqui a segunda palavra: futuro”. Continua Francisco: “a memória do passado não nos fecha em nós mesmos, mas abre-nos à promessa do Evangelho. Jesus garantiu-nos que estaria sempre conosco”. “Apesar das nossas fraquezas, Ele não Se cansa de estar conosco, construindo juntamente conosco o futuro da sua e nossa Igreja”.

À luz da Palavra de Deus da liturgia de hoje e da memória de nossa história arquidiocesana, algumas sementes são lançadas em nosso coração:

- a semente da perseverança na fé, para que sejamos apaixonados por Cristo e pelo seu projeto e tenhamos os olhos fixos nele, para segui-lo com alegria e procurando configurar a nossa vida à vida Dele;

- a semente da conversão, para que estejamos abertos à graça de Deus que nos convida à vida em Cristo, superando as vaidades e ilusões deste mundo;

- a semente da gratidão, por encontrarmos com Jesus presente em nossa história, por fazermos uma experiência profunda de sua bondade nestes 60 anos de arquidiocese.

- a semente da missão, por sermos discípulos-missionários do Mestre Jesus, queremos ir ao encontro das realidades que clamam por justiça e dignidade.

Deixemos Deus falar em nosso coração e acolhamos as sementes para que possam produzir frutos no tempo devido. Bispos, padres e leigos são como as árvores plantadas à beira do rio. Como medita Santo Agostinho: “‘Tudo o que fizer há de prosperar’. Tudo o que aquela árvore prosperar. Tudo, frutos e folhas, isto é, obras e palavras”.

Amém!